UNIVERSIDADE DO PARANÁ

FACULDADE DE DIREITO

SÔBRE
AS
QUATRO LIBERDADES

Discurso do Paraninfo que não foi lido em solenidade de colação de grau dos Bacharéis de 1964, por deliberação do M. reitor e do conselho universitário.

JOSÉ RODRIGUES VIEIRA NETTO
Prof. Catedrático de Direito Civil.

Curitiba — dezembro 1964

O reitor, e seu conselho, da Universidade do Paraná, desaprovaram aos bacharéis e médicos de 1964, a escolha dos respectivos Paraninfos. Como os alunos não cedessem, o reitor eliminou da solenidade o discurso tradicional.

Na homenagem que os alunos do 5.º ano da Faculdade de Direito prestaram ao seu Paraninfo e a outros professores, nasceu este discurso, cujos temas principais foram formulados de improviso.

O autor o reescreveu, desenvolvendo-os, como u'a mensagem aos moços universitários, e principalmente para denunciar à Nação, o clima de intolerância, de servilismo, ignorância e ódios pessoais que, a pretexto de uma revolução, se instalou em algumas universidades brasileiras.

Com esta dedicatória, tomada a DANTE :

Quell'anima lassú che ha maggior pena,
Disse' l Maestro è Giuda Scariotto,
Che il capo ha dentro e fuor le gambe mena.

Inferno, XXXIV, 61, 63.

I

DA LIBERDADE DE DIZER

No princípio era o Verbo

Evangelho, seg. JOÃO, I, 1

La luz vino apesar de los puñales.

NERUDA, Canto General.

Diretor, Homenageados, Professores.

Meus jovens Bacharéis, meus Afilhados.

Decidiram que estou proibido de falar-vos. Assim não estarei presente a essa festa de vossa formatura.

A Vida — que não me deu a alegria de um filho homem, que trouxesse o meu nome e continuasse uma linhagem de atitudes, presente em três gerações — fizera-me essa compensação mesquinha de que hoje estou privado : ensinar os filhos alheios, os Homens de amanhã. Transmitir-vos uma longa e dolorosa experiência profissional, dizer-vos como o Direito deve ser, como não é, nas suas intencionais deformações; corrigir o vosso Idealismo ingênuo, preparar-vos para enfrentar os fatos, as alternativas da carreira : ou alienar-se às causas que dão Lucro, ou alistar-se nessa imensa Legião do maior número — que só a essa se pode chamar de Humanidade.

Tiraram-me isso. Não me importava o salário modesto que nivela o professor universitário a um jovem aspirante mal saído da Escola Militar. Sempre vivi da minha banca profissional, do suor, da insônia das noites madrugadas em minha mesa de trabalho.

Não era aquêle o salário. Pagavam-me, em cada manhã, os vossos olhos atenciosos, a vossa dedicação, as gratas palavras de vosso convívio, os progressos de vossa inteligência que se iluminava para a Vida, iluminando o contentamento da paga real que, assim, eu recebia.

Tiraram-me isso, também; Professor sem discípulos, advogado perseguido, cidadão sem direitos, tive de conhecer a angústia de ficar sòzinho, o amargurado favor dos quartos de empréstimo, a procura de um vilarejo onde vegetasse anônimo, a traição, a covardia de alguns próximos, a maravilha de algumas dedicações, e a ausência de notícias — e as alarmantes notícias que faziam da prisão, do castigo, da tortura de intelectuais e operários, estudantes, soldados, professores, gente humilde, uma caçada medieval às feiticeiras.

Nada havia a temer dos meus feitos. Os meus pecados não contavam. Os grandes crimes de minha vida, eram o Trabalho e o Pensamento.

Assim voltei. Para ser preso, processado, interrogado sobre os Livros que havia lido, as Opiniões que formara sobre a História Política, a Sociologia do meu País, sobre as Idéias que pensava e o Trabalho que fazia, o Ensino que eu transmitia.

Um inquérito universitário, através de catedráticos teleguiados, investigara a minha biografia, com a desinteressada, patriótica ajuda de alguns alunos reprovados, de delatores que queriam ser políticos, de outros, políticos, que só poderiam ser delatores, — com tão esplêndido material humano — chegára-se à conclusão um tanto exagerada, de que eu era “um professor brilhante, querido dos alunos e que, assim, poderia ser nefasto à mocidade”.

A Pátria estava salva, todos os seus imensos problemas resolvidos.

Assim, estarei presente apenas na vossa recordação.

No princípio era o Verbo.

Quando o outro JOÃO que, durante a juventude, guardava, descuidado, as ovelhas de seu pai, em certa vez sentiu dentro de si desabrochar a Idéia que trazia, — sabeis que abandonou as colinas natais, os rebanhos, a família, a sua tribo, e desceu para o Jordão onde, purificando pela água, o seu Verbo anunciava uma esperança aos humildes, uma nova alegria aos simples e aos tristes.

Mas, houve, primeiro, de resignar-se a ser aquela voz que clamava no Deserto.

La luz vino apesar de los puñales.

Também NERUDA, menino desterrado pelo crime de seus versos, conheceu a tragédia do homem que pensa — êle mesmo um Castro Alves andino, uma espécie de condor solitário a planar sobre as neves do egoísmo, as baixadas e as baixezas do conformismo, isolado no asilo das alturas, na resistência de u'a poesia saudável, impermeável aos ratos e aos ladridos.

Nem se calou a voz de JOÃO, nem deixaram de arder os versos de NERUDA.

A voz clamante no deserto também foi a do poeta, a do fogo, a da chuva, dos homens todos, porque muitos foram os que ouviram e tiveram os olhos abertos e outros, ainda cegos, que perguntavam, ansiosos :

Que foi que êle te fez ?

Como foi que êle abriu os teus olhos ?

JOÃO, IX, 26.

Y las lenguas del pueblo se juntaran

En la primera ira, antes del canto.

NERUDA.

JOÃO purificava, deitando a água de sua tijela humilde.

Queria que os homens fossem limpos, mas não lhes fazia nenhuma violência.

Dizia aos Publicanos que "não corrigissem os impostos, elevando-os indevidamente; aos Ricos que desse o sobejo de suas túnicas e as sobras de sua mesa aos que tinham frio e tinham fome. Aos Soldados que não torturassem as gentes, nem as oprimissem com calúnias, que não reclamassem além do seu soldo, nem julgassem segundo as aparências, mas pelo critério de uma reta justiça".

LUCAS, III, 10, 14, JOÃO, VII, 24.

En mi patria encarcelan los obreros
Y los soldados dan ordones a los jueces.

NERUDA.

E quando prenderam JOÃO e ele não se calou, Herodes apresentou sua cabeça numa bandeja de prata. E a NERUDA encarceraram, torturaram, incendiaram-lhe a casa e ele amargou o pão do exílio.

Então um certo JESUS veio a dizer cousas idênticas.

E enquanto Herodes e os outros indagavam quem era, — Ele, entre os pobres, dividindo o pão, repartindo os peixes da rede miserável de SIMÃO, multiplicava-os pela fome dos pedintes.

porque são bemaventurados os pobres, os mansos, e os pacíficos; benditos os que choram e os que têm fome e sede de justiça; os limpos, os misericordiosos, e os que forem perseguidos; bemaventurados, quando os injuriarem e disserem, mentindo, todo o mal contra eles; amaldiçoados os que juntam os tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça cedo os consomem; e os que cuidam de si, e não dos outros, ajuntando provisões, porque as aves do céu não semeiam nem segam;

e os que cuidam de sua aparência, porque os lírios do campo não tecem nem fiam.

MATEUS, V, VI.

Quiero el amor del dia y del arado,
Quiero apartar la linea que con odio
Hacen para apartar el pan del pueblo.

NERUDA.

Quando uma voz assim, salta do peito, dos lábios do Homem para o denominador comum da necessidade; e perfurando os ouvidos vai parar nos temerosos corações — os defensores da Ordem, da Moral, dos Princípios sentem seus privilégios ameaçados.

Não importa fôsse ele um simples, tão pacífico como os míseros a quem pregava. Que não quizesse um Reino para si. Apenas,

Paz para el pañadero y sus amores,
Para todo el trigo que debe nacer,
Paz para todos los que viven; Paz
Para todas las tierras y las aguas.

NERUDA.

Não. Que não queriam Paz. Que fariam da Paz os salteadores do pão alheio, e os que fabricam as espadas e aqueles que ensinam o seu manejo?

Êsses querem um Reino. O da violência sobre os submissos — donde desterrem, aprisionem, torturem, silenciem os Profetas, os Visionários, os Mestres.

Escribas e fariseus semelhantes aos sepulcros caiados: que por fora pareceis incorruptíveis aos homens e por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidade; sois vós que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos...

MATEUS, XXIII, 27, 29.

E assim, O prenderam e levaram à casa de Caifaz, onde O escarneceram e espancaram e após conduzirem-nO a Pilatos. E porfiavam dizendo : Éle subleva o Povo com a doutrina que prega, desde a Galiléia até Jerusalém. E Pilatos enviou-O a Herodes que dêle fêz escárneo e tornou-O a mandar a Pilatos (LUCAS XXIII). E por ordem dêste os soldados O puseram no páteo do pretório : tecendo uma coroa de espinhos, enteraram-na em sua cabeça. E cuspiram no seu rosto e O tiraram para fora e marcharam para Gólgota. E alí, entre os ladrões, crucificaram-nO. (MARCOS, IV)

Tudo estava cumprido.

No es solo un hombre, no es solo una sangre
lo que manchó la vida en tus laderas,
no fué solo un bandido venenoso,
sino la fauna de las aguas viles
que repite sus dientes en la historia,
atravesando con mortal cuchilo
el corazón del pueblo desdichado,
maniatando la tierra que los hizo,
deshonrando la arena de la aurora.

NERUDA.

Mas, perguntai a Hanaz, a Herodes, a Pilatos, a Caifaz
que foi feito de sua violência ? São êles que afirmam todos
os dias que

No terceiro Dia o Verbo estava vivo !

II

DA LIBERDADE DE NÃO TEMER

E as trevas cobriam a face do abismo.
GENESIS, I, 2

La intelijencia como un hilo helado
Fué detrás de la sangre, hilando el dia...
NERUDA.

No principio era o Mêdo. O mísero antropóide, tanto quanto seus ancestrais, até o protozoário, tinha fome e tinha mêdo. Exatamente porque pensou, tirou o Verbo de sua própria Carne. Si era infinito o seu mêdo, procurou propiciar às Potências do Mal, as Fôrças Antagônicas, erigiu Deuses Terríficos que se compraziam nos sacrifícios humanos, nas primícias dos rebanhos e seáras.

Porque temia a Fôme, êsse apêlo intermitente da sobrevivência, o poder criador de seus instintos racionalizou-lhe a Violência com que se tornaria o lobo de seus irmãos.

Verbo e Carne são unidades fundamentais do mesmo barro : o social aparou-lhes as arestas, na contradição de processos que não se opunham, de apaziguamento e de fôrça.

Si êle inventou a lança, o arco, descobriu a balística, as armas de expansão, a desintegração destruidora dos átomos — com que lutasse contra a Fôme e o Mêdo e portanto contra os outros, prosseguisse no encaço de um Poder insaciável — conseguiu-o porque descobriu, também, a agulha, o machado, a ferramenta, a energia do trabalho alheio, a máquina com que

multiplicasse os seus inventos, a eletrônica com que calcularia a libertação da Terra para o Cosmos.

O empírico fêz-se experiência, generalizou-se em conhecimento, particularizou-se em ciência, sedimentou-se no transi-tório das culturas, dinamizou-se nas realizações materiais do progresso, fêz-se consciência social de que a filosofia é o ápice ou resumo.

O mêdo espiritualizou-se em Deuses Benévolos, surgiram formas sutis de violência. Códigos, Cartilhas, Hierarquias, Produção.

A fome refinou-se em desnutrição e carência, que é preciso sustentar o bicho de carga para que cumpra a tarefa de amanhã. Si é êle que faz o trabalho todo, é certo que aprende o conhecimento que, numa lenta ascensão, forma aquela consciência social.

Emergem minorias pensantes, algumas alienadas que tentam ensinar a justesa de sua alienação : a sua e a dos outros.

Alguns libertam-se interiormente, fazem-se o Verbo da maioria oprimida e o Sermão da Montanha será, por enquanto, a via dolorosa que arraste ao exemplo e à torpeza do Cal-vário.

De um lado, desconhecidos, os construtores do progresso, anônimos os pesquisadores da ciência, os mártires da liberdade e da consciência; — de outro, o monopólio do Mêdo, a trus-tificação da Fome, o alto comando do Prazer e do Domínio — que mantém a Ordem, alimenta os Deuses, defende u'a Moral válida para os outros, os que estão em baixo. — O conhecimento, a liberdade, a consciência são instrumentos perigosos nas mãos do povo, porque são armas contra o Mêdo.

Assim, muito cêdo, foi a ciência recolhida aos santuários, patenteada pelos Bonzos, transmitida aos Dirigentes, mistifi-cada nas fórmulas do FAS e do IUS, acessíveis somente aos Iniciados. Aí, do temário, o clandestino, o sacrílego que lhes profane os umbrais !

Quando a teocracia cedeu lugar a outras relações, vitórias da plebe ignára e as aspirações desta incluíram a Instrução — a Universidade tentou tomar o lugar dos santuários,

A ciência continuaria oficial e hermética. — A Universi-dade seria o Tabernáculo dos Tabus e dos Princípios.

No silêncio dos laboratórios, nas celas monásticas, nas ofi-cinas de alquimistas, continuaram os pesquisadores anônimos. Quando formulavam uma Idéia perigosa, descobriam uma lei subversiva, ali estavam os Tribunais para acusá-los de bruxos, heréticos, feiticeiros. GALILEU GALILEI ainda tira fôrças do corpo quebrantado e no fundo do cárcere ouve-se um mur-múrio de Afirmação :

E puor si mueve...

A Universidade continua a afirmar que o Mundo está pa-rado. Apesar dela êle continua se movendo...

As classes ascendem, no progresso social, até que pene-tram os seus muros proibidos. Não importa que, de quando em quando, mestres e sábios sejam expulsos, as idéias encar-ceradas, paralizadas as pesquisas, proibido o diálogo, condi-ção mínima do progresso científico.

No marasmo aparente continua a fermentação. O canto-chão conformista dos alienados sempre terá dissonâncias que apenas precedem o crescendo de uma Hossana, a Aleluia que anuncia a Ressurreição.

Que importa que se expulse, o professor da escola si esta continua o milagre da multiplicação e em cada ano e em cada geração ?

A democratização do conhecimento e porisso a prolifera-ção da consciência social realizam-se apesar e contra a Uni-versidade e, como antíteses, afirmarão, de futuro, a nova Uni-versidade, aberta às Idéias, às realizações do progresso huma-no, a tódas as vias de expressão do pensamento.

Não importa que reitores e conselhos universitários, co-missões de inquérito, queiram sepultar o pensamento, dirigir as consciências, amoldar a juventude aos modelos pré fabri-cados, pelos usuários de um copyright da "Verdade".

Quando se trocam a honra, a independência, a dignidade de um capêlo branco pelo velo do carneiro, é claro que também se aceita a passividade horizontal das vivandeiras.

Quando se pretende interrogar as idéias, censurar a ciência, impedir o livre curso do pensamento, renegar a cultura, é porque o Mêdo se transferiu dos oprimidos para os opressores. Mas é bom que se tenha ao menos ciência de que se transformou a toga em poluída mortalha, fez-se da cátedra um ataúde em que se sepultam em Vida o próprio mêdo e o infinitesimal das pessoas, para a decomposição, com justiça, antecipada.

Quando, indevidamente, exageradamente, fazem-se novos Sócrates de professores modestos, mas conscientes, justificando um novo reino de Terror — é bom que se saiba, — no consenso estudantil, na indiscrepância dos docentes, — quem são realmente os *subversivos*, que submetem a Alma Mater que os fez e criou à Rebelião da Ignorância; *corruptos* os que negociam a sobrevivência e o “prestígio” transitório pelos trinta dinheiros com que enforcam a própria consciência.

Eu sou a quem buscais. Deixai que os outros vão.
Mas Judas, após o ósculo, foi lançar as moedas no Templo e pendurou-se de um laço na figueira.

MATEUS, XXVII, 3.

*Voy a dejar su numero y su nombre
Clavado en la pared de la deshonra.*

NERUDA.

Na Universidade de Salamanca, presentes o Bispo da Província, o general Millan Astray, os grupos falangistas, a esposa de Franco, o ditador, em sessão solene de 12 de outubro de 1936, preside-a o reitor, filósofo e humanista MIGUEL DE UNAMUNO.

O general, em nome das forças falangistas, faz um ataque violento à Catalunha e aos Bascos, descrevendo-os como um

câncer democrático no corpo da Nação. Alguém, no auge do histerismo, alça um grito : Viva la Muerte !! Astray termina erguendo o braço, em saudação fascista ao retrato de Franco.

Imperturbável, o reitor levanta.

“Todos me conheceis e sabeis que sou incapaz de calar.

“Porque, em certos momentos, silenciar é sentir.

“Acabo de ouvir um grito necrófilo e insensato, reboando no recinto desta Universidade.

“Eu, que passei a vida dando forma a paradoxos, direi que êsse estranho paradoxo me é repul-sivo.

“Causa-me dó que o General Millan Astray, um inválido, esteja formando a psicologia da massa.

“Um aleijado, destituído da grandeza moral de Cervantes, também aleijado, tende a procurar alívio, causando mutilações em tórno de si”.

Nêsse ponto, Millan Astray não se conteve : Abajo la inteligencia ! Viva la Muerte !!!

Mas UNAMUNO continuou :

“Êste é o templo da Inteligência. Eu sou um dos seus sacerdotes. Sois vós que profanais o seu sagrado recinto.

“Ganhareis porque possuis mais do que a força bruta necessária.

“Mas não convencereis. Porque para convencer é necessário persuadir. E para persuadir é necessário possuir o que vos falta : Razão e Direito em vossa luta.

“Considero inútil exortar-vos a pensar na Pátria. Tenho dito”.

Foi êste o seu último discurso.

Façam completo silêncio, paralizem os negócios.
Garanto que uma flor nasceu.
É feia. Mas é uma flor.
Furou o asfalto, o tédio, o nojo, o ódio.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Es la invencible primavera, dura
bajo la tierra, cuando fué esperanza
y fruto general para más tarde.

NERUDA.

III

DA LIBERDADE DE CRER

No princípio era o caos
GENESIS, I, 1.

Sube a nacer conmigo, hermano!
NERUDA.

O Pensamento venceu o Mêdo e o homem viu que o mêdo fóra produto de seu próprio pensamento.

Assim a luz espantou as trevas e no nascimento do primeiro dia, de um século de Razão, o homem conheceu suas liberdades : umas que foram parcialmente conquistadas, outras apenas concebidas.

A liberdade de não ter mêdo significa a escólha das próprias vias de pensamento. O "não terás outros deuses diante de Mim" implica, na verdade, na negação de deus : para convencer é necessário persuadir, dissera UNAMUNO. Não se aceita, senão provisoriamente imposição alguma. Quem aceitou, porque teme não aceitar, está procurando uma fórmula própria, e o seu encontro é a adoção de uma filosofia, de uma solução pessoal. Crer ou não crer são aspectos de u'a mesma liberdade : um e outro soluções contra o mêdo. Internamente a equação foi há muito resolvida. Cada homem tem um certo número de crenças, incorporadas à sua personalidade. Aceita ou nega, subjetivamente, um conceito de família, de sociedade, de relações de trabalho; prefere uma forma

de govêrno, acredita nos seus líderes, cultua ou não o seu próprio deus, afirma valores morais peculiares, sínteses que constituem um recesso de consciência inatingível pelas sanções externas.

Exteriorizá-las diante do social, tomar posição frente dos fatos, exige, primeiro, aquela superação do medo, o exercício da liberdade de não temer, depois a afirmação da liberdade de dizer —, o heroísmo de afirmar, que — no dizer de Eça, “batendo na terra com pé firme ou pàlidamente elevando os olhos ao céu, cria Ciências e Religiões”.

Essa coragem de afirmar as suas próprias convicções, não é fácil de atingir. É, sempre foi, qualidade de liderança que se eleva ao involuntário da glória, ao indesejado do martírio. O homem que se afirma, o líder verdadeiro, não está atrás do Poder, ou do domínio. Reis, conquistadores, capitães, fuehrers não se afirmam : só exigem passividade, hierarquia, obediência ao seu programa de conquista. Porque só trazem o ingênuo propósito de tomar e guardar. A êles se opõem um poucos.

Essa a razão do grande equívoco de todos os ditadores. Porque a liberdade de crença e convicções afirma-se no geral subjetivamente, — supõem concordância onde houvera indiferença e irá existir resistência passiva.

Na embriaguez da vitória transeunte, erigem Normas, Princípios, Verdades absolutas. Pensam pelos outros. Exageram até o sadismo a necessidade e as decorrências da Hierarquia, da Disciplina, da Fidelidade. Exultam porque as Massas desfilam diante dêles. Não foi por acaso que se inventou o passo de ganso. Até a próxima derrota, quase sempre definitiva. A liberdade de convicção, o direito de crença, violentados pela imposição de uma Regra absoluta e única, estão atrás dessa derrota. As armas vitoriosas, definitivamente, são aquelas empunhadas por uma consciência civil. Vêde as baionetas de Frederico, diante do improviso patriótico de Valmy. Ao grito de Kellerman “Vive la Nation”! segue-se o ímpeto irresistível dos recrutas, diante dos quais recuam os aristocra-

tas e os mercenários de Brunswick; para que Goethe pudes-se dizer : neste dia e neste lugar começa uma nova era na história da humanidade.

Realmente há momentos na História em que é preciso recomeçar. — Da união de tôdas as fraquezas, de todos os desalentos fazer um começo de esperança, uma frágil parcela de resolução. Há vinte anos atrás ereis ainda crenças a ponto de desconhecer o que se passava em tórno. Hoje rememoraes os fatos como uma lenda em que dificilmente acreditais. Uma filosofia de Ódio, de Intolerância, de Superioridade, armou o desespero de um povo, encontrou presa fácil na miséria comum; falsos líderes, propaganda em massa, a fantástica enenação dos congressos em Nuremberg, o espírito de revanche, o sonho de poderio, arrastaram massas humanas à insensibilidade de uma guerra para a conquista do mundo, à prisão, espancamento, a morte de milhares de intelectuais, ao genocídio de judeus em campo de concentração e câmaras de gás.

O pangermanismo varreu a Europa, destruiu cidades, obras de arte, populações, livros, tôdas as manifestações de cultura e de humanismo.

Todavia, essa brutalidade concentrada, essa destruição sistemática sofrêra o impacto da resistência dos povos, a simples consciência civil de homens que pensavam em tórno de liberdade e tolerância, que não suportavam a idéia de tornar-se escravos de uma raça supostamente superior.

Das cinzas de Lidice, de todo o mundo, ergueu-se o alto clamor da resistência, e as fôrças irmanadas do mundo livre levaram de roldão os supostos heróis para o esmagamento do Nazismo :

Da imensa tragédia e de milhões de mortos e mutilados, tirou-se o alto preço de um novo conceito de crimes contra a humanidade; de segurança coletiva, a Declaração dos Direitos dos Povos a se afirmarem nos julgamentos de Nuremberg e na antecipação melancólica com que terminaram os tiranos : Mussolini caçado na covardia da fuga e Hitler sepultado nas ruínas de Berlim, na covardia do suicídio.

Coube a Charlie Chaplin, o mais notável palhaço deste século, a glória de uma síntese em termos humanos, imensamente humanos, a síntese da megalomania ridícula :

Dignidade da boca aberta em ira justa e amor
profundo,
Crispação do ser humano, árvore irritada
Contra a miséria a fúria dos ditadores,
ó Carlitos, meu e nosso amigo, teus sapatos
e teu bigode caminham numa estrada de pó e de
esperança !!!

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

E como Moisés no deserto levantou a serpente,
importa que seja levantado o filho do homem.
Para que todo o que crê não pereça.
Porque o filho do homem não veio ao mundo para
condená-lo, mas para que o mundo seja salvo.

JOÃO, III, 14, 17.

*Y nacerá de nuevo esta palabra
tal vez en otro tiempo sin dolores.*

NERUDA.

IV

DA LIBERDADE DE TER SEGURANÇA

E a paz será obra da justiça.
e a segurança desde então para sempre.

ISAIAS, XXXII, 17.

*Y en la tormenta desencadenada
sube a la claridad del universo.*

NERUDA.

O Direito sempre foi um instrumento de estratificação de uma Ordem pretendida. As normas de conduta tiveram e têm um caráter de intimidação e de manutenção do *status*.

Quando essas regras originavam-se da Revelação, é óbvio que o seu caráter sagrado desestimulava as mínimas reivindicações, crucificava os temerários que, ao menos, perguntassem porque a sociedade dividia-se em escravos e homens livres.

Modificada essa ordem primitiva, lentamente descobriu-se que o Direito tinha origem humana. Si as suas regras emanavam dos interesses de uma classe, era lícito pretender a sua modificação.

A História é a luta renovada dos homens por sua libertação.

Altos e baixos, retrocessos transitórios, o martírio de espíritos que tinham um destino de luz.

A consciência social avança em cada um desses contra-tempos, deixando um rasto de sacrifícios e holocaustos.

As desigualdades do progresso, tornam cada vez mais complexa a estrutura social.

Não se trata mais da simples equação do senhor e do escravo, com uma só contradição : a aspiração da liberdade corpórea, o direito à personalidade.

Nem se trata do antagonismo entre o senhor feudal e o servo que pretende a liberdade de locomoção, a erradicação da gleba, direito de procurar mercado de trabalho — já em paralelismo com as antíteses entre a cidade e o campo, as pretensões da burguesia nascente que assentam no trabalho livre e na ampliação dos mercados de consumo. Nem mais, somente, das esperanças do proletariado, de sua espoliação sistemática, quando, no tempo do capitalismo puro, era livre esse mercado de trabalho.

Agora, as conquistas da técnica, a acumulação de capitais, a sua exportação, acentuaram os desníveis entre a economia das nações, criando dois antagonismos principais : — a subordinação econômica que acarreta o “dirigismo” político dos povos sub-desenvolvidos — pelas exigências monopolistas do imperialismo; e a própria luta pela emancipação de cada povo, o esforço pela transformação das formas arcaicas de produção econômica que mantém a miséria, a ignorância, a doença, o pauperismo.

É evidente que a Humanidade não anda para trás. O Progresso é uma constante, embora sujeito às contradições principais e secundárias superando-se no processo, em que a descontinuidade é o prenúncio de um novo salto na História.

Não se pode renunciar à claridade de um novo dia que nos foi dada pelos mortos na noite de ontem.

*Cada espiga
nace de un grano entregado a la tierra,
y como el trigo, el pueblo innumerable
junta raíces, acumula espigas...*

NERUDA.

*para vencer o que sujeitava as
Nações, no seu furor, ao que
cruelmente as perseguia.*

ISAIAS, XIV, 6.

A arma dos dominadores, Impérios e Tiranos, sempre foi a violência : Mas ela não se pode exercitar, ao mesmo tempo, contra tudo e contra todos.

A arma fabulosa dos dominados, Homens e Povos, sempre foi a constância criadora, a paciência construtora que, nos labores da Paz, no coletivo das consciências acaba por aniquilar a força dos dominantes, minada pelas suas próprias contradições internas.

A consciência universal descobriu que a defesa da Paz é a melhor forma de levar à falência os fabricantes de canhões. É óbvio que não há imperialismo sem canhões.

Porisso, novas formas sutis de violência consistem hoje na intervenção mais ou menos descarada, mais ou menos encoberta, para influir, retardar, embaraçar a autonomia política das nações, a libertação das forças de atrazo e exploração que entravam o progresso, a emancipação econômica dos povos.

Êstes não renunciam, fãcilmente, às conquistas, que não foram outorgadas de favor.

*Que pasará, preguntas, me preguntas :
En la noche de Pisagua, la carcel, las cardeñas
el silencio, la Patria envilecida,
y este mal año de ratas ciegas,
este mal año de ira y de rencores...*

NERUDA.

Que pasará ?

As conquistas do Povo há muito derrotaram o exercício da violência pura e simples. Cada um e todos sabem que é patrimônio jurídico da Humanidade — o direito de pensar e de

dizer — Que há um direito de não *ter medo*, conhecimento exato da inutilidade da *violência*. Há um direito de *crer*, de possuir *convicções*, de discordar das fórmulas milagreiras, de lutar pelas suas idéias, dentro da tolerância e do respeito pelas opiniões alheias e isso não pode ser proibido, classificado como crime, sancionado por tribunais de exceção, do mais primário subjetivismo : o julgamento pela premissa não formulada que é a “filosofia” pessoal do suposto Juiz.

Esses direitos é que é preciso garantir, porque somente através da sua vigência, do exercício dessas liberdades, o Povo pode retomar a sua luta pela emancipação econômica, pela auto-determinação política da Nação e reformar, dentro do processo histórico nacional, com as circunstâncias, o estilo, as condições, os costumes e as tradições que lhe são próprios, os resíduos de uma estrutura caduca que resiste ao progresso, às conquistas da ciência, ao condicionamento do homem em termos de Humanidade.

Também isso não se impede, é inútil tentar impedir: Não se pode proibir o lavrador de plantar na terra as sementes que serão a abundância e constatar que ela foi produto do seu trabalho, não da inatividade parasitária do latifundiário improdutivo; Não se pode impedir à indústria e ao comércio de produzirem e fazerem circular os bens de utilidade ou de consumo, constatando que o seu mercado é apenas ínfimo porque há milhões de lavradores que não têm terras nem poder aquisitivo; — que inúmeras atividades e setores lícitos estão vedados a esse comércio, a essa indústria, porque não podem competir com os *trusts* e carteis que dessangram a economia nacional e obtêm privilégios odiosos que estiolam ou reduzem o desenvolvimento da Nação.

Não se pode impedir ao operário o direito ao trabalho e portanto a consciência de que está pagando em dólares o pão de cada dia, recebendo em cruzeiros o preço desse pão. Assim a consciência de seus direitos sindicais, o direito de organização, a segurança do dia de amanhã, contra o desemprego, a fome, o desespero.

Não se pode impedir às Universidades que funcionem e assim, apesar de mutiladas, que os homens mais capazes desenvolvam a ciência, transmitam a cultura, realizem o progresso moral das gerações, o progresso material do maior número. — Que se ponha a ciência a serviço do Povo.

Todos temos um direito à segurança : Esse direito é composto de todos os outros, do somatório das liberdades públicas, das conquistas jurídicas do dia de amanhã.

Universalmente um direito à Paz, ao diálogo entre todos os Povos para a segurança coletiva. Internamente, um direito de resolver nossos próprios assuntos. O que implica em escolher democraticamente desde a forma de governo até o âmbito das liberdades públicas e dos direitos civis.

A defesa e a consciência desses direitos e liberdades — a aspiração de segurança pertencem, em última análise a todos os cidadãos. Mas sois vós advogados, Juizes, representantes da Justiça que, no exercício de vossas tribunas e magistraturas, sereis exemplo e padrão, fanal e guia dos restantes cidadãos.

Vossa especialização e conhecimento, o aprendizado que fizestes, a cultura armazenada de nada valerão, si não tiverdes em cada minuto de tão ingrata, mas gloriosa profissão — essa coragem de pensar e de dizer, — o destemor ante a ameaça e a violência, a consciência de vossas crenças e convicções, para a defesa de um mínimo de segurança política, de vivência social, a recuperação das garantias de vida pública —, sem as quais as nações se transformam em satrápias e os povos em escravos conduzidos.

Assim Ele quebrou o bastão
dos ímpios e a vara dos
dominadores.

ISAIAS, XIV, 5.

E os habitantes da terra farão
festas e mandarão
presentes uns aos outros.

APOCALIPSE, XI, 10.

*Aquí está mi ternura para entonces
La conoceis. No tengo otra bandera.*
NERUDA.

*Y aquí me quedo
con palabras y pueblos y caminos
que me esperan de nuevo y que golpean
con manos consteladas en mi puerta.*
NERUDA.